

“Diálogo entre as Matrizes Culturais Brasileiras”

A exposição “Diálogos entre as Matrizes Culturais Brasileiras” é um desdobramento do projeto interdisciplinar “Matrizes Culturais Brasileiras”, desenvolvido pelo 8º Ano. A proposta é conhecer as histórias e culturas africana, afro-brasileira e indígena, contribuindo para a desconstrução e eliminação de estereótipos sobre esses continentes, seu povo e sua cultura. A falta de algumas informações e/ou a existência de informações equivocadas sobre a África e sua cultura e sobre a tradição indígena fazem prevalecer, no Brasil, um imaginário precário e preconceituoso sobre as origens africanas e indígenas, assim como a influência dessas culturas na formação do nosso país.

De acordo com os historiadores Alberto Martins e Glória Kok, guardadas as diferenças regionais, o Barroco constitui a mais poderosa matriz cultural comum aos países da América Latina. Enriquecida pelos aportes variados de índios e caboclos no litoral brasileiro, africanos e mulatos no Nordeste e em Minas, os Guarani nas missões jesuíticas, grupos indígenas no altiplano da Bolívia, Equador e Peru e muitas outras contribuições, a matriz barroca é uma espécie de liga, de linguagem comum construída ao longo dos três séculos de experiência colonial.

Neste ano, por sugestão do Professor Paulo Cavalcanti, acrescentamos às nossas pesquisas o Barroco mestiço das Missões Jesuíticas. Para dar continuidade ao processo de catequização, os jesuítas das missões permitiam a mistura de elementos indígenas aos temas sacros. O trabalho era realizado por mão de obra indígena, orientada por um religioso que tinha conhecimentos em arquitetura,

construção e trabalhos manuais. O tratamento dado à imagem e à matéria por um pintor ou entalhador indígena é certamente diverso daquele dado por um artesão europeu que fosse treinado numa corporação de ofícios.

Tivemos a oportunidade de conhecer os grafismos geométricos das culturas indígenas, a estética do cotidiano do Brasil Colonial pelo olhar dos holandeses Frans Post e Eckout, as volutas inspiradoras do Barroco português, e de nos surpreendemos com uma arte mestiça que traz a força da resistência e a beleza de uma nova estética que surgia em nosso território, imortalizada pelas mãos dos mestres Ataíde e Aleijadinho.

O alguidar e as quartinhas são peças presentes nos rituais afro-brasileiros. De posse de elementos da estética indígena e portuguesa, usamos essas peças como suporte para nossa criação. Nenhuma arte se sobrepõe à outra. Elas podem dialogar com harmonia. A partir da leitura da obra “Última ceia”, de Marcos Zapata, percebemos que esse diálogo estético se estabelecia, de maneira consciente ou não, no universo dos artistas dos séculos XVII e XVIII na América espanhola e portuguesa. Zapata foi um importante pintor peruano. Na obra “A última ceia”, inseriu o *cuy*, prato típico da cozinha inca, no centro da mesa, além de copos com bebidas típicas da região, e o personagem Judas foi representado com o retrato do conquistador espanhol Francisco Pizarro.

Usando a imagem da “Santa Ceia” como ponto de encontro das culturas, a proposta foi trazer reflexões sobre as matrizes culturais brasileiras ao longo da história da arte do nosso país.

Zara de Castro
out/2017